



G

TRUNFOS DE UMA
EOGRAFIA ACTIVA

DESENVOLVIMENTO LOCAL,
AMBIENTE,
ORDENAMENTO
E TECNOLOGIA

Norberto Santos
Lúcio Cunha

COORDENAÇÃO

João Sarmento¹, Maria João Costa²

¹ *Departamento de Geografia, Universidade do Minho & Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.*

² *Secção Autónoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas, Universidade de Aveiro & Câmara Municipal de Trancoso.*

A PERCEPÇÃO DA MUDANÇA: O CENTRO HISTÓRICO DE TRANCOSO

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende reflectir sobre o que apelidamos de ‘texturas de um lugar’, discutindo as percepções que várias pessoas têm acerca de um conjunto de possíveis transformações do centro histórico de Trancoso. Apesar de numa fase inicial podermos pensar em texturas apenas como uma epiderme, as suas distintas qualidades podem ser bem profundas, e entendidas enquanto lugares, são onde o sujeito e o objecto se encontram. Sabendo que o processo de planeamento tem tentado percorrer o caminho rumo ao planeamento participativo, e sabendo igualmente que a participação cívica está intimamente amarrada à percepção do espaço, à experiência do lugar, procura-se aqui discutir de que forma é que os centros históricos são percebidos pela população que lhe é aparentemente mais próxima (que nele reside ou trabalha), e também de que forma é que a compreensão da percepção dos espaços pode contribuir para que as intervenções a realizar nestes espaços respeitem a sua identidade e texturas.

Trancoso, vila elevada a cidade em 2004 localiza-se no interior do país, no distrito da Guarda. A cidade, constituída pelas freguesias de Santa Maria e São Pedro, tem uma população de aproximadamente 3100 habitantes (INE, 2001). Em termos físicos, o centro histórico é um espaço perfeitamente delimitado dentro da estrutura urbana da cidade de Trancoso, uma vez que preserva ainda a cercadura de muralhas, que se encontra relativamente bem conservada, e lhe confere uma aparente unidade face ao resto da cidade que a envolve. Essa unidade que a distingue dos restantes espaços que a circundam, assenta na referida muralha que a resguarda, nas portas que simbolizam e materializam o ‘dentro’ e o ‘fora’, na morfologia delicada e sinuosa das ruas, nas construções, nas praças e largos¹.

Definimos para o presente trabalho três objectivos centrais. Em primeiro lugar, pretendemos traçar um ponto de partida para a discussão da interpretação e percepção de um conjunto de pessoas quando confrontadas com cenários de transformação de um espaço urbano. Em segundo lugar, pretendemos testar uma metodologia que coloca em confronto um conjunto de pessoas com diversas fotografias manipuladas que ilustram formas possíveis de intervenção no espaço urbano, metodologia essa que se pretende que possa ser

¹ Trancoso, ainda que cidade, integra o grupo de 12 vilas e aldeias que fazem parte do Programa das Aldeias Históricas, criado na segunda metade da década de 90 do século XX. Segundo este programa, em 2008 a cidade recebeu mais de 38000 turistas (AHP, 2009).

uma ferramenta imaginável e profícua num processo de planeamento participativo. Por último, pretendemos contribuir para a reflexão em torno da natureza dinâmica do centro histórico de Trancoso, reflexão essa que é importante na natureza da revitalização e reabilitação deste espaço.

A PERCEPÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

A tradição geográfica da tentativa de compreensão dos significados e processos da constituição do 'lugar' – as suas qualidades materiais e simbólicas – bem como do espectro de pessoas e relações sociais que continuamente definem e criam contextos sociais e espaciais (Adams et. al 2001) é extremamente rica. Na Geografia, a tradição humanista dos trabalhos dos anos 70 e 80 do século XX que enfatizavam o lugar e a sua experiência, teve uma continuidade no século XXI, ainda que a ênfase Heideggeriana da teorização de modos de vida e habitar tenha dado lugar a explorações que evitam esses conceitos universais (Adams et. al, 2001). A exploração das geografias da imaginação e do seu papel na construção de lugares continua a ser um tema fulcral, tratado no contexto da Geografia cultural e das Geografias pós-coloniais, por exemplo.

Em muitas cidades, o romper com os limites impostos pela muralha originou a criação de novos centros que foram retirando a supremacia ao tradicional centro urbano, coincidente, num grande número de situações, com o centro histórico. A cidade deixou de estar delimitada pelas muralhas e espraiou-se pelo espaço circundante, alterando profundamente a sua configuração. Destas interações resultaram processos não incomuns como o esvaziamento ou 'abandono' dos centros tradicionais como espaços de residência ou mesmo de vivências quotidianas significativas. Outras trajectórias resultaram em novos estatutos simbólicos, quando o centro tradicional, concordante com o 'centro histórico', adquiriu um estatuto de 'património'. A partir das décadas de 70 e 80 do século XX, a cidade histórica tornou-se novamente alvo de atenção e de inúmeras intervenções urbanas (Brito-Henriques, 2003). Como argumenta Salgueiro (1999:392), «os «centros históricos» foram eleitos como um dos problemas mais importantes das cidades», e a ideia e condição de património, permitiram que o seu estudo adquirisse uma importância vital na elaboração de políticas e práticas de revitalização e desenvolvimento (Ramalhete, 2006). Face a este crescente interesse, e com o objectivo de desenvolver medidas capazes de solucionar as patologias que estes espaços foram desenvolvendo, têm sido criadas várias políticas urbanas ligadas à reconversão e reabilitação urbanas. Longe de serem espaços estagnados, estas intervenções vêm comprovar o seu dinamismo e importância.

A percepção é não só uma resposta dos sentidos aos estímulos externos mas também uma actividade crítica na qual certos fenómenos são claramente registados enquanto outros são retirados para a sombra ou são bloqueados. A percepção que cada um de nós constrói do espaço é um processo resultante da fusão entre aspectos biológicos e aspectos culturais que dizem respeito à sociedade em que cada indivíduo se insere. Ao mesmo tempo, o espaço «é simultaneamente objectivo e subjectivo, material e metafórico, um meio e um resultado da vida social» (Soja, 1996:45) Não pode, portanto, ser tido como algo estático, mas pelo contrário, como algo dinâmico, em constante mutação, usado também como ferramenta na produção e reprodução do próprio espaço e encontrando-se na base da reorganização social, ou seja, para além de produto social, o espaço desempenha também um papel fundamental

na reestruturação da cidade. Por outro lado, segundo Cresswell (2006:356) o conceito de lugar «refere-se tipicamente a um segmento particular da superfície da terra que é caracterizada por um sentido único de pertença e ligação que o torna diferente de todos os outros lugares em redor». Lugar e ‘sentido de lugar’ são assim críticos nesta análise. Na criação de propostas de intervenção urbana, o recurso à percepção surge como forma de entender o modo como diversas pessoas compreendem e idealizam estes espaços. Desta forma, o estudo da percepção que um grupo de pessoas tem de um espaço consolidado, como é o caso do centro histórico de Trancoso, constitui uma ferramenta útil de forma a estabelecer uma correspondência entre as aspirações dos seus utilizadores e as propostas de intervenção criadas.

METODOLOGIA

O processo de *photo elicitation*² baseia-se na ideia simples de inserir imagens e/ou fotografias numa entrevista de investigação (Harper, 2002:13). Trata-se de uma técnica cuja implementação é bastante elementar e cujas vantagens podem ser valiosas, uma vez que permite introduzir informação distinta e mais complexa da encontrada normalmente num inquérito convencional (ver Pato e Silva, 2006). Ao recorrermos a esta metodologia, pretendemos estimular os inquiridos a reflectir nas imagens que constroem do espaço e nas suas percepções do centro histórico.

Numa primeira fase foram seleccionados e posteriormente fotografados dez locais do centro histórico³ (Fig.1). São lugares com necessidade de intervenção urbana de reabilitação ‘urgente’, e com uma grande importância estratégica, já que constituem, na sua Maioria, espaços de circulação quase obrigatória, quer para quem reside, quer para quem visita o centro histórico. São as principais artérias deste espaço, que se debatem com a problemática da circulação automóvel devido à sua exiguidade, para além do facto de se encontrarem rodeadas por edifícios que necessitam de cuidados especiais.

Num segundo momento, recorrendo a programas de tratamento de imagem⁴, e tendo por base as fotografias obtidas, foram feitas modificações nas imagens, criando cenários de intervenção. Para cada um dos lugares seleccionados foram construídos vários cenários, incluindo alterações nas fachadas, nos passeios, no ‘mobiliário’ urbano, na vegetação (Figs.2-3), e na iluminação (ver Gregório, 2009). A metodologia de *scenario visualisation* consiste na visualização de cenários possíveis para uma determinada realidade. Neste trabalho, cenário é encarado como uma descrição da situação actual, de um futuro possível ou desejável bem como de construções estilizadas de possíveis futuros, por vezes deliberadamente na forma de estereótipos, arquétipos ou situações extremas.

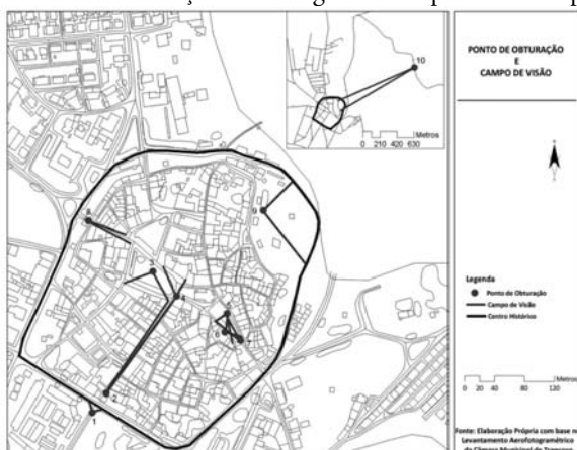
Relativamente à iluminação, foram criados novos «ambientes visuais» com a introdução de cores diferentes, mais fortes e mais variadas (ver figs. 4-5). Foram ainda sugeridas alterações para os candeeiros que fazem a iluminação dentro do centro histórico, assim

² *Photo-interviewing* ou *Projective-interviewing*.

³ (1) Portas d’El Rei, (2) Rua da Corredoura, (3) Praça D. Dinis – mais conhecida como Largo da Avenida, designação que assumiremos –, (4) Largo do Pelourinho, Largo Luís Albuquerque – cujas propostas de intervenção se focaram em três espaços distintos: (5) edificado a Norte do largo, (6) edificado a Sul do largo e (7) o largo em si mesmo – (8) Rua Xavier da Cunha, (9) o espaço envolvente ao Castelo e (10) o Castelo propriamente dito

⁴ Adobe Photoshop CS2 e Macromedia Fireworks MX 2004.

Figura 1 – Pontos da Obturação das Fotografias e respectivos Campos de Visão



Fonte: Elaboração própria com base no Levantamento Aerofotogramétrico fornecido pela Câmara Municipal de Trancoso

Figura 2 – Largo da Avenida – Revestimento das fachadas em pedra



Figura 3 – Largo da Avenida – Fachadas pintadas a branco com desenhos dos monumentos pintados nas paredes (com cores variadas)



como para os holofotes que iluminam o castelo. No que respeita à introdução de mobiliário urbano e vegetação, encontram-se destacados nas propostas apresentadas para o Largo Luís Albuquerque, onde se optou pela ‘colocação’ de bancos ou cadeiras e mesas, fontanários e candeeiros, mas também algumas árvores. Elaboraram-se ainda propostas de alteração das fachadas (Figs. 2-3). Relativamente a cenários mais conservadores podemos referir

os das fachadas, sobretudo aqueles em que se optou pela pedra (Fig. 2) enquanto único material de revestimento, ou quando o branco é utilizado como única cor das fachadas. No respeitante a cenários mais «fracturantes», pode referir-se o representado pela figura 3, que sugere que se representem os principais monumentos da cidade nas fachadas, desenhando-os um pouco 'à la carte' (Fig.3).

A alteração de cor na iluminação quer das Portas d'El Rei, quer do castelo (Figs.4-5), pretendia transformar significativamente o ambiente visual, procurando maior qualidade de iluminação, criando novos contextos mais acolhedores, requalificando espaços marginalizados e pouco atractivos. Como Alves (2007: 1259) argumenta, «a luz artificial pode ser um instrumento de transformação de territórios ajudando a revitalizar espaços públicos (...) fomentando um sentido de pertença e uma compreensão dos lugares.»

Figura 4 – Castelo – Iluminação Alternativa – 1 (Muro da Barbacá com iluminação azul (1) & Castelo com iluminação rosa (2).)

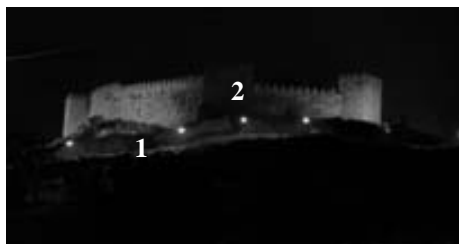


Figura 5 – Castelo – Iluminação Alternativa – 2 (Iluminação em tons de verde mais escuro no Muro da Barbacá (1) e mais claro no Castelo (2).)



Num terceiro momento foi elaborado um questionário com base nos cenários criados, cujo objectivo era conhecer várias reacções e reflexões de um conjunto diversificado mas não representativo de pessoas acerca destes mesmos cenários⁵. O inquérito permitiu recolher informação de cariz qualitativo sobre o centro histórico, sobre as intervenções propostas e outras intervenções desejáveis. Transpareceu também o interesse dos participantes em expressar as suas ideias face a possíveis intervenções a decorrer nestes lugares e espaços, sendo que vários revelaram-se bastante críticos e entusiasmados face à apresentação de fotografias, fazendo observações quer aos cenários criados, quer à situação actual do centro histórico, tendo por base a sua leitura e, por vezes, as suas memórias do espaço.

Por último, foram realizadas entrevistas a seis dos inquiridos que se mostraram disponíveis para um contacto posterior⁶. Para todos, a cumplicidade com o centro histórico é profunda. Foi acordado com os entrevistados a realização de um percurso pedonal no centro histórico, seguindo o traçado estabelecido pela sequência das questões dos inquéritos. Para a realização da entrevista foi seguido um guião, cujo objectivo foi abordar questões relativas a i) elementos representativos, ii) elementos dissonantes, iii) tradição *versus*

⁵ Realizaram-se 25 inquéritos entre os meses de Novembro e Dezembro de 2008, no centro histórico de Trancoso, com uma taxa de resposta de aproximadamente 70%. Os inquiridos tinham idades compreendidas entre os 17 e os 64 anos, sendo dez do sexo masculino e quinze do sexo feminino.

⁶ Maria, 43 anos, arqueóloga; Marta, 29 anos, técnica superior; António, 26 anos, funcionário público; Joaquim, 64 anos, reformado; Raquel, 21 anos, estudante; e Ana 52 anos, professora (nomes fictícios).

autenticidade, iv) estética das fachadas e v) circulação automóvel. Tentou-se que este fio condutor não espartilhasse a liberdade dos entrevistados abordarem outras questões que julgassem pertinentes no decurso da entrevista.

Em linhas gerais, das vozes dos inquiridos e entrevistados resultam três discursos sobre o centro histórico: 'a procura da ordem', 'a cristalização do espaço' e 'o domínio da materialidade'⁷. Ainda que estes discursos não sejam estanques nem sejam dominantes em todas as pessoas com quem dialogamos, eles estão presentes ao longo de quase todas as respostas aos inquiridos e durante as entrevistas realizadas. Foi notório que existe uma percepção quase transversal sobre uma 'ordem' e uma forma de ser e de ver o centro histórico. Todos os intervenientes neste estudo identificam com rapidez um conjunto de elementos que consideram dissonantes, e que avaliam como descaracterizantes da imagem do centro histórico. Entre estes destacam-se os edifícios em mau estado de conservação, os fios eléctricos que se amontoam nas fachadas das casas e que frequentemente se cruzam por cima das ruas, e as intervenções realizadas em vários prédios, que não cumprem as medidas de salvaguarda estabelecidas para o centro histórico, quer no que respeita aos materiais utilizados, à modificação da cêrcia dos edifícios e a alterações nas fachadas que terminam descaracterizando todo este espaço. Os candeeiros também são referidos como elementos pouco agradáveis em termos visuais, daí que um elevado número de inquiridos sugira a sua alteração. Defendem também a uniformização dos toldos das lojas, o que denota uma certa 'racionalização', uma busca pela homogeneização do espaço, traduzida através da standardização.

A grande maioria dos inquiridos (23 em 25) mostrou alguma surpresa face às propostas apresentadas. Contudo, muito para além das preferências que cada um deles revelou face aos cenários, dos comentários que resultaram da sua visualização, transpareceu uma predisposição para algumas alterações. Os largos da Avenida e do Pelourinho são entendidos como um só espaço e aqui as preferências são bastante conservadoras, na medida em que a reutilização das cores tradicionais para o revestimento das fachadas desagrada a um elevado número de inquiridos (11 em 25), que as entendem como 'muito fortes'. O aspecto deveria ser mais austero e sério. Esta visão ordenada de conjunto foi igualmente mencionada em relação à Rua da Corredoura. Isto revela que, talvez mais do que em espaços individualizados dentro do centro histórico, haja uma visão de conjunto acerca do espaço, em que são criadas interrelações entre diversas ruas, largos, praças, tomando como ponto de partida a Rua da Corredoura, encarada não apenas como cartão-de-visita do centro histórico, mas como o espaço que define o padrão de intervenção que poderia ser adoptado para outras artérias da vila. Esta forma de ver o centro histórico através destes elementos principais é também visível no que diz respeito à iluminação das Portas d'El Rei. Para muitos (13 em 25), as alterações propostas poderiam contribuir para a oficialização de um ponto partida, um ponto de atracção turística, constituindo um marco no espaço. A muralha enquanto barreira física constituiu também uma barreira mental. Ao cruzar-se esta 'barreira', o espaço é pensado de forma distinta. Enquanto que a forma de ver o concelho de Trancoso é flexível, não tão hierárquica, permeável e mais tolerante com

⁷ Para uma análise exaustiva e desagregada dos dados ver Gregório (2009).

a diferença, o centro histórico tem que ser ‘ordenado e museificado’. As cores a utilizar nas Portas d’El Rei deveriam ser suaves, pois o património, a história, a ‘importância destes lugares’, deve assentar na ‘integridade’ e ‘arrumação’.

Parece existir um consenso generalizado relativamente à necessidade de limitar a circulação automóvel no centro histórico. Para muitos (23 em 25), o automóvel trouxe consigo uma ruptura, uma ingerência na continuidade dinâmica mas espaçada dos centros históricos. Em grande medida constitui uma dissonância no espaço patrimonial que se quer preservar e mesmo ‘vender’. O centro pode ‘calmamente mudar’, mas a adaptação ao automóvel é inexecutável. Os contornos das limitações ao automóvel são distintos. Para alguns (11 em 25), bastaria encerrar ao trânsito a Rua da Corredoura, visto ser esta a rua principal do centro histórico, e onde se localiza um grande número de estabelecimentos comerciais. Para outros (12 em 25) o centro histórico é tão circunscrito que consideram não fazer sentido a circulação automóvel. Este ‘voltar às origens’, constituiria uma forma de restituir a rua às pessoas, restabelecendo-se assim a pastoral urbana de outros tempos.

O discurso de que as intervenções no centro histórico devem preservar determinadas características, não o ‘estragando’, pressupõe uma complexa noção de tempo e de mudança. Quando questionados acerca da tradição e da autenticidade, os entrevistados revelaram opiniões distintas. Para uns, havendo possibilidade de repor elementos tradicionais, como candeeiros e fontanários, deveria optar-se primeiramente por essa solução, esse ‘retorno ao passado’. No caso de tal não ser possível e se utilizarem reproduções de elementos antigos, argumentam que devia ser claro tratarem-se de réplicas. Para a maioria (18 em 25), ao invés de ser antigo, ‘parecer antigo pode resolver’. Tradição e autenticidade são ideias complexas. Enquanto para uns a tradição revela-se na autenticidade dos elementos e que neles se alicerça a imagem do espaço, para outros essa tradição pode ser consumada através de elementos que façam lembrar elementos antigos.

As fachadas dos edifícios do centro histórico foram um ponto comum nas observações mais negativas efectuadas pelos entrevistados. Segundo estes, as fachadas constituem elementos importantes na preservação da imagem tradicional dos lugares, mas no caso de Trancoso, esta imagem tem-se vindo a perder. O recurso às cores tradicionais não é consensual: se para uns (Maria, Joaquim e Ana) seria um regresso à identidade deste espaço, outros (Raquel e Marta) defendem que são cores demasiado fortes que caíram em desuso e talvez já não se enquadrem mais neste espaço. Para estes a pedra e as paredes pintadas de branco são o que actualmente mais identificam com o conceito geral de «centro histórico». Por outro lado, o recurso a outras cores poderia significar o perder por completo a identidade do espaço, uma vez que «ficaria parecido à Costa Nova» (António). O centro histórico quer-se sério e igual a um passado imaginado, mesmo que este seja recente. História, memória e lugar constituem uma tríade complexa (Ricour, 2004).

Apesar de neste domínio se verificar uma forma de ver cristalizada do centro histórico existem também outras ideias que denotam alguma abertura para mudanças que no nosso entender são interessantes. Deixamos aqui dois exemplos. Um dos cenários criados para o Largo da Avenida propunha a pintura nas paredes dos edifícios, tipo *graffiti*, dos principais monumentos da cidade, tratando-se portanto, de uma proposta fracturante. Esta transformação, que de um modo geral desagradou a todos, deu origem a uma proposta de projectar estas mesmas imagens nas fachadas, criando um espectáculo de luz que poderia ser bastante atractivo, sobretudo durante os meses de Verão. Apesar das opiniões díspares, todos parecem concordar que a introdução de certos elementos modernos, poderia ser

benéfica, desde que devidamente enquadrados neste espaço. Há quem sugira que o mobiliário urbano a introduzir na envolvente do castelo deveria ser de linhas modernas de forma a contrastar com a antiguidade do monumento que envolve.

A maioria das preocupações das pessoas com quem dialogámos prende-se com a materialidade do centro histórico: as fachadas e os seus materiais, as formas e acessórios. Mesmo a dimensão da ordem e racionalidade baseia-se na materialidade do espaço, e não se espalha por elementos transgressores imateriais. Apesar de praticamente todos os inquiridos se referirem às vivências do centro histórico, quando o fizeram amarraram sempre esse assunto à materialidade do espaço. A existência de espaços que perderam a sua função social de ponto de encontro foram sempre equacionados com os problemas resultantes de edifícios devolutos ou subaproveitados (o Palácio Ducal por exemplo). Um elevado número de inquiridos (13 em 25), referiu ser necessário que o largo Luís de Albuquerque se convertesse num espaço vivido em que as pessoas pudessem ‘estar’, mais do que ‘apenas passar’. Ainda que existam várias pessoas que desconstroem a cidade histórica de Trancoso de formas inovadoras, há uma influência grande de formas de ver a partir de fora, levando a que perguntemos com que grau os lugares imaginados passam pela transformação do centro num bem de consumo, construído sobretudo para se ver de fora.

CONCLUSÕES

A aplicação das metodologias de *Photo-Elicitation* e *Scenario Visualisation* revelou-se muito interessante para a discussão da construção e percepção do espaço (neste caso de um centro histórico). O recurso a estas metodologias tornou possível uma maior aproximação entre o investigador e os inquiridos e entrevistados, na medida em que as imagens despolearam grande interesse, estimulando os participantes neste estudo a manifestarem a sua opinião quando confrontados com os diferentes cenários criados. Este método, como refere Harper (2002:14), permite obter mais informação e informação diferenciada e qualitativa, evitando alguns mal-entendidos próprios do recurso à linguagem verbal. ‘A procura da ordem’, ‘a cristalização do espaço’ e ‘o domínio da materialidade’ enquanto discursos dominantes sobre o lugar e sobre a forma de ver o centro histórico aparecem vinculados nas reflexões dos participantes. No entanto, estas ‘formas de ver’ assumem diferentes tonalidades através da diversidade de entendimentos sobre conceitos como o de ‘autenticidade’, que pendula entre ‘autêntico’ ter que ser o original e ‘autêntico’ poder ser uma representação séria do passado. A reflexão sobre os significados das texturas do lugar, bem como a construção do espaço deveria resultar do confronto dinâmico e participado entre a tradição e a modernidade, envolvendo os diversos actores do espaço urbano. Não só seria muito interessante e relevante para esta análise explorar as percepções que turistas e visitantes têm de Trancoso, mas incluir também nesta análise as articulações que são feitas entre centro histórico e demais espaços urbanos. Ao mesmo tempo, grupos geralmente marginalizados deveriam ter também lugar nas contestações dos lugares que se constroem.

A par das opiniões críticas que os entrevistados foram tecendo acerca do espaço, foram também apresentando algumas propostas de intervenção que poderiam contribuir para melhorar a imagem deste centro histórico. Ora, esta atitude demonstra um interesse pelo espaço, pela representatividade que ele encerra, assim como o reconhecimento deste lugar

como parte da identidade colectiva de Trancoso por indivíduos que se disponibilizaram a colaborar na realização deste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

235

- Adams, P. C., Hoelster, S. Till, K. E., 2001. *Textures of Place. Exploring Humanist Geographies*. University of Minnesota Press, Minnesota.
- AHP (2009) www.aldeiahistoricasdeportugal.com [consultado em Novembro 2009].
- Alves, T., 2007 'Art, Light and Landscape New Agendas for Urban Development', *European Planning Studies*, 15:9, 1247 – 1260.
- Brito-Henriques, E., 2003, *Cultura e Território das políticas às intervenções – Estudo geográfico do património histórico-arquitectónico e da sua salvaguarda*”, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Cresswell, T., 2006, Place, in *Encyclopedia of Human Geography*, SAGE Publications, London, pp 356-358.
- Gregório, M. J. C. (2009) *Percepção do Centro Histórico de Trancoso: cenários de intervenção urbana*. Dissertação de Mestrado em Ordenamento da Cidade, Universidade de Aveiro.
- Harper, D., 2002, Talking about pictures: a case for photo elicitation in *Visual Studies*, Vol.17, n.º 1.
- INE (2001) *Census da População*. INE, Lisboa.
- Pato e Silva, I., 2006, Da experiência urbana à construção identitária dos lugares, *Finisterra*, XLI, 81, pp. 171-188.
- Ramalhete, A. F. R., 2006, *Centros históricos e ordenamento do território em áreas metropolitanas*, Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Ricour, P., 2004, *Memory, History, Forgetting*. The University of Chicago Press, Chicago.
- Salgueiro, T. B., 1999, *A cidade em Portugal. Uma geografia urbana*, Edições Afrontamento, Porto (3.ª edição).
- Soja, E.W., 1996, *Thirdspace*, Blackwell, Cambridge, MA, EUA.